

SOS RACISMO

QUADROS POLÍTICOS DA DESORDEM PLANEJADA NA FRANÇA

Susan Ossman-Dorent

Tradução: Marilene Felinto

Introdução

Em dezembro de 1986, uma nova geração de cidadãos franceses atingiu a maioria de forma dramática. Estudantes protestavam contra uma lei que teria aumentado as taxas universitárias e tornado mais rigorosos os requisitos para ingresso na universidade. Uma multidão festiva, de cerca de 1 milhão de pessoas, precipitava-se de ônibus e estações do metrô, ganhava as ruas de Paris e encontrava seu caminho para a televisão nacional bradando seu protesto contra a lei "Devaquet" no ritmo de sucessos musicais populares e cantigas infantis. Diante da recusa do governo Chirac em acolher as exigências dos estudantes, uma série de marchas estendeu-se até o período de férias, ao preço de pelo menos uma morte e muitos feridos graves, além do estopim de greves igualmente explosivas entre os ferroviários e os empregados de empresas de serviços públicos. Ao mesmo tempo que esses movimentos contestavam as medidas do governo, a retórica deles pretendia ser apolítica. Para o governo, um discurso que recusava o costumeiro controle sindical e toldava as fronteiras de Direita e Esquerda só podia ser chamado de caos. As "forças da ordem" (a polícia) pareciam ser a única resposta para uma turba tão indisciplinada, que ousava surpreender os homens do poder com exigências imprevisíveis. Mas seria apenas aparente a falta de unidade do movimento? Charles Pasqua, ministro do Interior, viu nele a subversão de extremistas de esquerda. Entre os próprios estudantes, porém, era o nome de uma associação, o SOS Racismo, que surgia como um ponto de referência comum nas conversas ou

Gostaria de agradecer às pessoas do SOS Racismo por sua disposição para falar comigo sobre a associação. Sou grata também pelas conversas com Jean-Philippe Dorent, Paul Rabinow e Rémy Leveau e seu grupo de estudos sobre imigração. Mark Kesselman foi muito gentil ao permitir que eu apresentasse uma versão preliminar deste texto no S.I.P.A.'s Institute on West Europe, na Universidade de Columbia.

no *curriculum vitae* dos líderes. O SOS Racismo, um grupo "apolítico", serviu como instrumento para a criação dessa imaginação política nascente¹.

De fato, foi em outubro que Julien Dray, um dos organizadores do SOS Racismo, mostrou-me o mais novo broche do SOS. Referia-se visivelmente ao governo Chirac, nos dizeres "reveilles toi mon pote, ils sont devenus fous" (acorda, meu amigo, eles enlouqueceram!). Muito antes que eu visse esse *slogan* pregado em inúmeras lapelas mobilizadas contra Devaquet, aquelas palavras provocativas estavam sendo impressas em fac-símiles plásticos nos macacões do último anjo da guarda do SOS, o comediante Coluche. Estavam sendo estocados e preservados, disse Julien, enquanto o SOS aguardava uma ocasião oportuna para lançar uma nova campanha.

(1) Julien Dray, *S.O.S. Génération: l'Histoire de l'Interieur du Mouvement des Jeunes de Novembre-Décembre 1986*, Ramsay, Paris, 1987. (Nota do Autor)

Temas dominantes

O SOS Racismo é o ator mais dinâmico e original do cenário político francês de hoje. A criação da associação, no outono de 1984, por um grupo de jovens de um subúrbio de Paris, nasceu de um sentimento de ultraje impotente diante da proliferação do crime racista na França e da crescente habilidade da extrema-direita para inaugurar e moldar as discussões políticas francesas. Para o partido da Frente Nacional, de Jean-Marie Le Pen:

Não há nenhuma possibilidade de assimilar uma população que tem cultura e civilização diferentes. Essa população está se tornando a maioria, e tende a impor seu próprio gênero de vida. O constante aumento da imigração é uma das principais causas do aumento do crime e do desemprego².

"Touche pas a mon pote" é a resposta do SOS Racismo à mensagem de Le Pen. A linguagem do subúrbio irrompe em múltiplos sotaques nesse *slogan* impresso em broches plásticos de colorido brilhante e talhados no formato de uma mão aberta. Na televisão nacional, nas jaquetas de jovens secundaristas, na boca de intelectuais, de atores ou do presidente da associação, Harlem Désir, estas palavras simples estão sujeitas a infinitas interpretações e utilizações na França contemporânea. Com essa frase, estranha às gramáticas francesas e impossível de ser encontrada nos dicionários de francês-inglês, sejam eles o Harraps ou o Follet's, o SOS Racismo desperta muitas vias de reflexão, ao mesmo tempo que se recusa a conversar com qualquer um que possa ver como legítimo em suas suposições, se não em seus detalhes, o discurso de Le Pen. O significado da frase? "Não mexe com meu chapa", ou "Desgruda do meu companheiro", ou simplesmente "Tira a mão de cima do meu amigo".

(2) *Le Monde*, entrevista com M. Stirbois, 15 de março de 1983. Todas as traduções do francês são minhas. (N.A.)

O teatro político proposto pelo SOS Racismo é um em que as questões de interesse pessoal não mais se relacionam com hábitos sedentários de propriedade ou com descendências remotas. Ao invés disso, as experiências vividas em comum é que formam o pano de fundo para a identidade social e o conflito. O drama do crime, do desemprego ou de estilos de vida instáveis não é representado na França segundo a vontade de um grupo isolado. O SOS Racismo insiste em que, em virtude da própria falta de poder institucional por parte dos estrangeiros na França, e da rejeição geral a seus filhos, as acusações da extrema-direita são dirigidas exatamente para as pessoas que aguentam o rojão dos problemas da nação. Pode a culpa sentida pelo torturador servir de premissa para o extermínio da vítima ou sua expulsão para além dos limites da vida política? A violência inerente à posição da Frente Nacional resulta de sua confusão a respeito de quem desempenha o papel do protagonista social³. Para o SOS Racismo, todos nós somos atores sociais, e nossos textos não devem depender de uma única atuação, mas ser reescritos inúmeras vezes. À obsessão da Frente Nacional pela unicidade, ou por um modelo único de relações da cultura com a nacionalidade, o SOS responde com uma reformulação do problema da identidade nacional francesa no plural.

Numa atmosfera de apatia pública pelos partidos políticos e sindicatos existentes, o SOS Racismo conseguiu mobilizar as pessoas em torno da defesa de princípios comuns de anti-racismo e do direito do indivíduo a renunciar a normas estatísticas. Seu estilo singular de expressão não conta nem com uma organização rigidamente estruturada nem com nenhuma ideologia sistemática. A imagem de uma França sedutora e aberta (feminina, é claro) gira em torno de uma retórica apolítica, enraizada num apelo difuso à moral e à solidariedade social. A mensagem pode ser vaga, mas o sucesso do movimento não é avaliado segundo as fichas de filiação vendidas às pessoas como garantia de uma total fidelidade à organização. Pelo contrário, seu *impacto* é medido por jornalistas que contam as centenas de pessoas que se reúnem nos grandes concertos de rock abertos do SOS ou em suas demonstrações em estilo carnavalesco⁴.

A qualidade amorfa do SOS não indica ausência de planejamento. Ao contrário, ele promete levar em conta a "individualidade" de seus partidários, unindo-os ao mesmo tempo em torno de ratificações sincronizadas de princípios gerais. O problema central de uma organização como essa não é a criação de um programa sistemático, mas antes o controle cuidadoso de declarações públicas e cartazes, apertos de mão ou reprimendas transmitidos para um público de dimensão nacional. Que o SOS obtenha sucesso em passar uma imagem clara e uniforme fica evidente nas reações enraivecidas de Le Pen à própria pessoa de Harlem Désir, e na cautelosa aproximação dos outros partidos com a associação. Uma vez que a utilização dos *mass media* por parte do SOS, suas noções de cultura e suas definições de comportamento político diferem dos procedimentos parlamentares padrão, ou das plataformas partidárias, o espírito de jovialidade

(3) Também sobre a Frente Nacional e a política francesa, ver Martin A. Schain, "Racial Politics in France: the National Front and the Construction of Political Legitimacy", in Patrick Mc Carthy (org.), *The French Socialists in Power 1981-86*, Greenwood Press (a sair).

Uma análise da retórica do racismo/anti-racismo é fornecida por Pierre André Taguieff, em seu "Le Neo-Racisme Differentialiste. Sur l'Ambiguïté d'une Evidence Commune et ses Effets Pervers: l'Eloge de la Difference", *Langage et Société*, Maison des Sciences de l'Homme et le CNRS, Paris, dezembro, 1985, pp. 69-98. (N.A.)

(4) Ver Todd Gitlin, *The Whole World Is Watching: Mass Media in the Making and Unmaking of the New Left*, U.C. Press, Berkeley, 1980, para comparações e comentários interessantes sobre a influência da mídia na política. O SOS atraiu mais de 400 mil pessoas para seu concerto na Place de la Concorde, em junho de 1985, e mais de 200 mil para outro lugar igualmente pequeno. (N.A.)

propagada, de conjunto, de uma solidariedade que recorre a muito mais que signos textuais confronta o político comum com um quadro de sua (dele ou dela) própria impotência.

Para Julien Dray, um dos fundadores da associação e ativista político de longa data:

O SOS não é em nada uma organização tradicional. O SOS não está interessado em partidos políticos porque, entre os jovens, ninguém leva a sério seus líderes ou suas brigas ineptas. Mas políticos, sim, nós somos políticos, agimos politicamente, ponto por ponto, porque abordamos problemas que são essencialmente políticos, ou seja, relacionados com a vida dos cidadãos na cidade ⁵.

(5) Julien Dray, *op. cit.*, pp. 145-46. (N.A.)

A política não é, portanto, concebida no ideal da lei, onde "se tem o intelecto sem as paixões", como propõe Aristóteles ⁶. Ao invés disso, está repleta de intentos apaixonados nos modos mesmos que escolhe para distinguir o cidadão do estrangeiro e para impor as regras a respeito de quem pode declarar, dirigir ou empreender a guerra. O silêncio fala uma linguagem política. É em nome da maioria silenciosa ou silenciada que tanto Harlem Désir quanto Jean-Marie Le Pen promovem versões opostas da pólis francesa.

(6) Aristóteles, *The Politics*, Penguin Books, London, 1962. (N.A.)

O "visual" SOS, como os participantes o chamam, é constituído sob ideais universais de direitos humanos, embora distintamente franceses em seus pontos de referência políticos e culturais. Ele associa "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" a um tratamento original das estruturas internas de decisão e à criação de mensagens pronunciadas por padrinhos famosos do movimento ou por arquetípicos garotos calçando tênis. Experiências anteriores em organização de líderes como Harlem, Julien ou Laurence Rossignol, para citar apenas alguns, servem aos interesses desse *lobby* contra o racismo, que leva a sério as minorias e a cultura jovem. Entretanto, mais do que destreza política, um reconhecimento da falta de atrativos nos grupos políticos existentes é fundamental para a habilidade do SOS Racismo em abordar as questões sociais de maneira nova. Enquanto os políticos dos partidos tradicionais querem passar uma impressão, ou um "visual", por meio de imagens concebidas como espelhos fixos de suas pessoas e de seus programas solidamente unificados, o SOS Racismo abre espaço para um diálogo criativo entre os vetores da opinião pública e a imagem dos líderes. Se seguirmos a observação de Pierre Francastel de que "Há somente imagens num movimento de idéias"⁷, é o contexto, e não a objetificação, que se torna a base para entender os "visuais". A originalidade do SOS Racismo é sua capacidade para aceitar a forma fragmentária na qual podemos incluir a realidade social em explicações sistemáticas. As imagens são fundamentais para um processo de decisão e reconhecimento na sociedade, pois elas são um modo de declarar os padrões que emergem da fluidez

(7) Pierre Francastel, *L'Image, la Vision, et l'Imagination: l'Object Filmique et l'Object Plastique*, Denoel/Gonthier, Paris, 1983. (N.A.)

das interações diárias para provocar questões e desejos, movendo-se para constituir forças que podem ser ignoradas ou racionalmente dirigidas⁸.

A história do SOS é apenas parcialmente retórica. Com frequência, as palavras aparecem como ícones em suas declarações e seus *slogans*. A habilidade do movimento para projetar suas exigências na tela da opinião pública fia-se muito em atos sublinhados pela tonicidade ou enfatizados pela expressão. Aqui eu misturo relatos jornalísticos das atividades do movimento com observações pessoais e pensamentos sobre o desenvolvimento da associação no decorrer do tempo. Como uma "estranha" em Paris, tive entretanto oportunidade de conversar com, ouvir ou fazer perguntas a muitas das pessoas responsáveis pela formação do SOS Racismo. Desde 1980 que minhas idas e vindas, meu interesse pelos problemas de imigração na França e meus sentimentos pessoais se cruzam, se chocam e vão ao encontro de muitas versões de idéias e ações hoje ligadas ao SOS. Da posição vantajosa de diferentes situações espirituais e físicas, tenho pensado sobre as questões e o estilo de vida do SOS Racismo. É de Paris que agora escrevo como antropóloga, mas ecos de Casablanca ou Nova York, além de lembranças do SOS Racismo conforme ele aparece em São Francisco ou Marraquech traçam os limites dessa narrativa.

Em meio à cacofonia de notas pessoais, lembranças ou opiniões expressas de forma veemente em minhas anotações, fitas ou arquivos, diversos temas importantes aparecem e reaparecem. Primeiro, o aparente paradoxo da ausência de estrutura interna do SOS e sua habilidade para criar e controlar uma imagem pública bem definida. Em seguida, o apelo à solidariedade como um valor para a coesão do grupo bem como para a expressão coletiva a nível nacional. E finalmente deve ser examinado o uso da palavra "geração". Como forma de distinguir estilos de vida, perspectivas de vida e expectativas de mudança social, a questão da idade do grupo junta conceitos científico-sociais à pretensão do SOS de representar a juventude. Uma vez que a tônica do SOS é a síntese, baseada num "visual" fundado em práticas concretas e limites de comportamento, sua concepção de geração como novidade é indicativa de pressuposições largamente difundidas sobre os homens e as mulheres franceses. Como refutação estratégica, embora compacta, da distinção entre cultura erudita e cultura popular, o SOS Racismo apresenta o público consumidor como de vanguarda.

Fuga

Veloz, surpreendente, são esses os adjetivos usados para descrever o rápido reconhecimento do SOS Racismo em 1984. A trajetória para a fa-

(8) Ver Hubert Dreyfus e Paul Rabinow em "Habermas and Foucault: What Is the Age of Man?", in David Hoy (org.), *Foucault a Critical Reader*, B. Blackwell, Oxford, London, 1986, para uma discussão filosófica da razão e da imaginação. (N.A.)

ma foi frustrante, mas a associação contou aos milhões as vendas de seu broche "touche pas a mon pote", na primavera de 1985. Contatos políticos anteriores, a própria urgência das questões abordadas num contexto de violência racista, além do apoio de estrelas como Simone Signoret ou Coluche, tudo isso se somou à popularidade do SOS. Como escreve Harlem:

*Sim, o SOS vigorou a nível popular. Sim, o SOS estava certo em trilhar seu caminho para a mídia nacional. Primeiro, dar voz àqueles que nunca tiveram uma, de forma que os ecos de seu clamor pudessem finalmente perturbar a boa consciência do povo francês "inocente"... mas também porque o discurso, os temas, as acusações dos racistas tinham acesso à imprensa, à TV e ao rádio há muito tempo*⁹.

(9) Harlem Désir, *Touche pas a Mon Pote*, Grasset, Paris, 1985, p. 94 (N.A.)

Os estudantes secundaristas, seus professores ou os imigrantes que vivem em projetos de habitação popular precisariam do exemplo de atores ou intelectuais para aceitar o apelo do anti-racismo? A resposta a essa pergunta insiste em que observemos as atitudes tomadas em comunidades imigrantes antes de 1985, pelo que dificilmente se pode alegar que elas eram silenciosas. É igualmente importante considerar a formação e as ambições dos indivíduos envolvidos no SOS. A experiência política deles, mistura de pessoal francês e imigrante, e especialmente sua decisão de experimentar tratamentos novos nas campanhas de comunicação nacional não podem substituir as vozes existentes, mas com certeza atribuíram-lhes um tom diferente.

O movimento "beur"¹⁰ é uma criação dos filhos de imigrantes norte-africanos da França. Seus componentes diversos representam, de várias formas, a famosa "segunda geração". Alguns grupos apresentam elaboradas ideologias políticas, enquanto outros reclamam autonomia cultural ou educação bilíngue nas escolas. Alguns trabalham em projetos comunitários específicos, para obter moradia, combater o vício às drogas ou incentivar as atividades culturais. Todas essas associações lutam pelo que consideram um lugar melhor para suas comunidades no Estado francês". Para Le Pen, a comunidade norte-africana é a origem da desordem na sociedade francesa, e os vários grupos "beur" agem claramente para rejeitar qualquer interpretação da França que se baseie em apresentar suas religiões, suas línguas, ou mesmo sua compleição física como a antítese da civilização.

(10) "Beur": jovem árabe nascido na França, de pais imigrantes. (Nota do Tradutor)

Na criação de revistas como *Sans Frontières* ou movimentos como a "marcha pela igualdade" em 1983, ou "convergências 84", os grupos "beur" coligaram-se apesar de suas discordâncias internas em rejeitar políticas e atitudes racistas e antiimigrantes. As demonstrações desses grupos renunciaram em muito as apolíticas concentrações de massa do SOS Racismo. No entanto, ao contrário do SOS, eles não dispunham de nenhum grupo homogêneo preexistente e definido, de onde emergissem líderes e programas. Ao mesmo tempo, estigmatizados como estrangeiros até mesmo quando possuíam passaportes franceses, faltavam-lhes os contatos e

(11) Adil Jazouli oferece uma detalhada descrição do movimento "beur" em seu livro *L'Action Collective des Jeunes Maghrébins de France*, L'Harmattan, Paris, 1986. Outras informações sobre imigrantes norte-africanos na França podem ser encontradas em *Les Temps Modernes*, coleção de artigos, em *l'Immigration Maghrébine en France*, Denoel, Paris, 1984. (N.A.)

a experiência política de um grupo que unisse mulheres e homens franceses da classe média com norte-africanos, judeus e outras minorias.

O SOS Racismo não exige que as pessoas que participam de sua direção ou de suas atividades abandonem seus outros envolvimento políticos e associativos. Muitos indivíduos dos grupos "beur" são representados no próprio SOS. O tema principal dentro do SOS Racismo é que a diversidade é salutar. A razão para a existência da associação é simplesmente a luta contra o racismo na França. Portanto, a coexistência de opiniões formalmente opostas sobre outras questões é aceita. Militantes pró-palestinos e sionistas possivelmente brigam nas reuniões, mas podem concordar quanto a ações comuns envolvendo questões concretas de racismo, da forma como ele é praticado na França. Este tipo de "ignorância" a respeito de divisões internas fundamentais pode confundir alguns observadores acostumados a analisar plataformas partidárias através de seu funcionamento mecânico. No SOS, entretanto, qualquer pergunta sobre esses tipos de conflitos internos provoca uma divertida risada. Mais uma vez somos lembrados de que as decisões éticas e políticas concretas da vida da cidade estão em jogo. A diversidade é a mais fundamental das características dos participantes do SOS Racismo, ou não?

Na verdade, enquanto o SOS luta por igualdade de direitos num sistema que cada vez mais torna-se dominado por discursos racistas, os tipos de *diferenças* que encontramos no interior do grupo recuam logo que se abandone a referência casual motivada por categorias determinadas de cor de pele ou origem étnica como princípios-guia. A homogeneidade dos ativistas do SOS é ainda mais notável pelo fato de poderem aparentar menos semelhanças culturais ou étnicas do que as associações "beur" existentes. No entanto, é evidente que há uma subcultura SOS sendo compartilhada, tanto nas orientações políticas quanto nas culturais. Há um grande número de velhos amigos envolvidos na associação. Os líderes têm histórias em comum com grupos de esquerda como o trotskista LCR, ou a união dos estudantes UNEFID, ou o partido socialista. Muitos dos projetos executados pelo SOS Racismo germinaram na cabeça de pessoas em contato com Harlem, ou Rocky ou Diego, muito antes de se tomar a decisão formal de excluir a política partidária em favor de uma estrutura associativa¹². A idéia de um concerto anti-racista, por exemplo, surgiu primeiro em 1983, nas discussões entre os estudantes da Universidade de Paris, vinculados à UNEFID (Union National des Etudiants de France, Independente et Democratique, seus líderes são socialistas e trotskistas). Essas mesmas pessoas talvez tenham sido inspiradas pelo movimento inglês "Rock contra Racismo".

Hoje em dia, não é somente nos reflexos políticos, mas também em hábitos cotidianos de linguagem, vestimenta e esquemas de horário que se pode reconhecer um ativista SOS verdadeiro ou em potencial. Tentar telefonar para o SOS antes das dez da manhã é tão impossível quanto esquecer de usar primeiro o garfo externo no Tour d'Argent. Simplesmente não é de bom-tom. Gíria, da variedade suburbana, é outro sinal de vincu-

(12) Notas do autor.

lação. Algumas das pessoas mais "burguesas" do grupo do diretório nacional adotaram algumas das mais exóticas expressões do que se costumava chamar de cultura "popular". As coisas que são boas ou agradáveis ou bem feitas são "sympa". Aquelas que não são, serão empilhadas no monte de entulho, com o insulto definitivo de que são "ringard" (*démodé*, medíocre). Nas festas do SOS de 1987, o cabelo dos rapazes está mais comprido e com frequência preso em rabos-de-cavalo. As mulheres têm cabelo no comprimento dos ombros, com mechas caídas na testa, embora uma pequena variação seja bem aceita. Vestidos pretos, na altura do joelho, estão em moda para ocasiões formais, enquanto o couro é a preferência diária para jaquetas, calças e saias. Simples moda? O fato é que se trata de uma peculiar escolha coletiva por marcas acessíveis e viáveis para se fazer parte de um grupo específico, de uma "geração" definida. "Não mexe com meu chapa" refere-se a uma categoria abstrata de "amigos", mas também a um grupo definido, a uma rede de pessoas que progressivamente ajudam umas às outras a escolher estilos de vida ao designar os horrores do "ringardisme".

As fontes de imagens e modelos para as pessoas do SOS vão desde gibis a seriados de TV, e desde trabalhos filosóficos eruditos até o jornal diário *Liberation*. Em geral, ao mesmo tempo que os líderes "mais velhos" (todos abaixo de 35 anos) são ouvidos por seus comentários políticos, submetem-se ao olhar crítico de seus colegas mais jovens e extravagantes, quando se trata de questões práticas como gostos musicais ou de vestimenta. O funcionamento de regras impostas de cima é supérfluo num sistema baseado em sugestões de amigos ou grupos de colaboradores. O controle emana da interação diária das pessoas dentro do grupo, mas também dos tipos de comunidade em que elas vivem. A prática cultural desse grupo encontra-se nos processos para alcançar sua carta de legitimidade através do SOS e em outros esforços para criar uma imagem da juventude francesa oposta a quaisquer visões "velhas"¹³. Entretanto, para obter sucesso, ele se nutre dos modelos de referência existentes, sejam eles alta moda ou modas passageiras iniciadas nas escolas secundárias de Lyons. A estreita coesão da cultura SOS é indicativa tanto de sua habilidade de funcionar sem uma hierarquia de privilégios, devido a sua confiança na inovação de categorias comuns de julgamento, quanto do ponto sugestivo da capacidade da associação para projetar uma mensagem dinâmica ao público em geral.

Há uma suposição básica hoje em dia, na França, compartilhada pelo SOS Racismo, de que a juventude francesa é mais inteligente nos assuntos de mídia do que os adultos. Uma das maneiras de o SOS avaliar suas performances é analisando o aparecimento de seus líderes na televisão. Os líderes que não tenham o "visual" suficiente trabalham duro para conseguir uma aparência mais agradável. Há um sentimento de que o talento de publicista é necessário para o político em potencial. Para uma estudante americana como eu, desabituada aos discursos de John F. Kennedy e perplexa com um ator de cinema de segunda categoria como presidente,

(13) Ver Pierre Bourdieu, *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*, Éditions de Minuit, Paris, 1979, para mais informações sobre capital cultural na França. Esse assunto merece maior elaboração no que diz respeito ao SOS Racismo, mas também à cultura jovem e às culturas imigrantes em geral. Comentários interessantes são apresentados em artigos de Abdelmalik Sayadi, "De la Culture des Immigrés et de ses Fonctions Idéologiques", CIEEM, Paris, 1978. (N.A.)

deslocadas ou frustradas dos membros mais velhos da sociedade. A juventude, apresentada como o inverso do "problema", torna-se indicativa de tecnologia nova, de arte de vanguarda, ou de sublevação política. Esquece-se com frequência que as experiências das gerações possam ter significado depois que seus calendários assinalam trinta verões.

Por isso o SOS está tentando rever as idéias que as pessoas fazem a respeito da França, através de estratégias de inovação que os sistemas de mercado e comercialização exigem. Se a natureza da criação jovem é parecer primeiro excitante, depois confortadora e finalmente tornar-se parte do *status quo*, o SOS Racismo pode ser visto como algo que promove um grupo específico de pessoas, um modelo cultural especial, enquanto ao mesmo tempo legitima uma aparência formalmente proscrita de minorias raciais no cenário público. Ao reconhecer o quadro irregular oferecido pelos mercados de massa, a qualidade amorfa do discurso do SOS realmente desafia as visões de uma França "única", defendidas por Le Pen. O SOS pode incluir ações múltiplas de indivíduos que tenham interpretado essa mensagem de várias maneiras, e assim age como um catalisador para projetos futuros.

Entretanto, a direção que esse emergente modelo de ação política vai tomar é incerta. De qualquer forma, certezas políticas não podem ser suficientes se procuramos olhar com olhos novos para a sociedade francesa. Enquanto movimentos semelhantes estão ganhando forma em outros lugares da Europa, e o SOS faz grande sucesso na Suécia, na Bélgica ou na Alemanha, parece que uma nova investigação das próprias categorias de política e cultura pode assegurar a emergência de um sentido de participação para pessoas que foram obrigadas a se sentir como produtos defeituosos de uma máquina como a sociedade. No SOS, significado e julgamento acontecem num universo moral e social. Solidariedade evoca toda uma série de experiências, desde as relações íntimas até as públicas, a escolha de modelos de atuação, ou decisões sobre produtos de consumo. Mais ainda, é uma questão de como ser levado em conta, de como ganhar reconhecimento.

Convites

O SOS Racismo é a expressão de um desejo cujo objeto tem forma múltipla e mutante. Pedir a seus membros que nomeiem um único objeto é talvez supérfluo e indiscreto, pois o fato é que movimento e mudança são conceitos motivadores para a formação dos valores que estão sendo procurados. Talvez os desejos possam ser ultrapassados em intensidade ou escopo pelos resultados daquilo que nós fazemos produzir como um resultado da vaga fantasia. Uma coisa é certa. Qualquer que seja a influência do SOS entre os jovens e as minorias, há muitos homens e mulheres fran-

ceses que rejeitam cabalmente seu apelo ao pluralismo. No contexto político corrente, onde a direita almeja ganhar votos da Frente Nacional, uma intensificação do conflito entre pontos de vista essencialistas de identidade nacional e o pluralismo defendido pelo SOS é inevitável. Num debate político polarizado de forma crescente, o SOS terá de mostrar que pode continuar a levantar apoio para as causas anti-racistas entre muitos jovens do povo. Uma proposta de lei exige que os filhos de imigrantes nascidos na França declarem sua nacionalidade francesa assim que atinjam a maturidade. Essa declaração seria aceita ou rejeitada pela administração segundo julgamentos oficiais da habilidade do indivíduo na língua e de sua ficha policial. O SOS Racismo pode arregimentar pessoas da "nova" geração contra uma lei que diz respeito às minorias? Isso e o grau de influência que os líderes do SOS possam exercer sobre o Partido Socialista nos próximos debates eleitorais são pontos importantes no esforço da associação para moldar novas forças na sociedade francesa.

O SOS Racismo defende a escolha individual, mas seus membros não são cosmopolitas, exceto do ponto de vista da cor de sua pele ou de sua formação étnica. Eles estão enredados no contexto francês, numa rede de distinções de raça e classe, onde até mesmo o protesto pode espelhar a ordem existente. As antinomias da democracia, de uma promessa da direita de diferir num sistema que reclama princípios igualitários, persistem nas palavras e nas ações do SOS Racismo. Mas, na aparente falta de coerência sistemática do SOS, em seus objetivos abertos e sua falta de burocracia, são sugeridos novos caminhos para a exploração de soluções para esses problemas. Se por um lado é verdade que esse tipo de abordagem não estrutural da política pode favorecer o personalismo ou a criação de panelinhas de poder, por outro ela descarta o manto de precedentes, para seu próprio bem, que estorvam grupos mais formalmente planejados na França. Na medida em que o SOS pode preservar sua indeterminação estrutural, não impõe papéis rígidos a seus atores. Ele cria pausas para que as pessoas tomem fôlego, pessoas cujas vidas são construídas num labirinto de exigências, exames impessoais e sob a desagradável generosidade da previdência social.

O SOS Racismo permite às pessoas desenvolverem suas opiniões e capacidades em ações comunitárias. Ninguém precisa mostrar uma identidade única, ligada a um conceito de sociedade como um jogo instrumentalmente rígido. Uma pessoa não é uma mera categoria ocupacional ou uma estatística nos gráficos do desemprego. No SOS qualidades pessoais mais sutis entram em cena, e daí resulta uma visão mais ampla de política. As formas pelas quais essa abordagem, essa solidariedade, podem ser estendidas para outros grupos da sociedade é um questão aberta e complexa. Sua resposta depende da própria perseverança obstinada do SOS em seus hábitos desordenados. Que o SOS deve enfrentar a hostilidade da direita é evidente, mas o tratamento do conhecimento e do poder pelos tecnocratas também está em jogo. Se a exploração e a dominação estão ligadas

isso parece apenas muito óbvio. Mas na França, as próprias imprensa e televisão esforçam-se muito para explicar a natureza dos garotos hábeis em mídia.

Considerando a confiança em laços pessoais estreitos, e as categorias de julgamento utilizadas dentro do SOS Racismo, parece provável que não é especificamente para os *mass-media* que devemos olhar para perceber a diferença entre o SOS e outros partidos ou associações francesas. Se tanto as decisões internas, a cultura e a imagem externa do SOS apóiam-se na criação de imagens como vetores de opinião, é dessas próprias imagens que as explicações podem surgir. Os objetivos dos participantes do SOS Racismo de criar novas bases de poder cultural e político não podem ser vistos como uma simples projeção da "vida" numa tela, conforme as convenções ocidentais tradicionais da representação pictórica. O processo contemporâneo de construir imagens relaciona-se com uma rejeição tanto da coerção *física* do Estado totalitário quanto da rígida cadeia de decisões, que é vista como excluindo os jovens da política e dos negócios franceses contemporâneos. Que os *mass-media* são parte integrante das condições sociais de hoje é um truísmo, e o SOS simplesmente compreendeu isso. A TV e a imprensa são apenas parte de um processo de se criar soluções para o problema de se atribuir expressão de legitimidade às experiências dos indivíduos e dos grupos.

Orquestrações

É à *solidariedade* que as pessoas do SOS se referem quando perguntadas sobre seus objetivos. Ela é dada como a razão pela qual os trabalhadores dos diretórios sentem que seus esforços ali valem a pena. "Eu realmente detestava os outros lugares em que trabalhei antes. Aqui temos muito trabalho mas somos amigos. As amizades com pessoas jovens são diferentes de outros escritórios em que ninguém escuta você"¹⁴, afirma uma jovem do diretório nacional, em Paris. Para um outro organizador, o principal ponto de comparação está em seus compromissos anteriores com grupos políticos: "Eu me sentia como se agisse no vazio. Agora sinto que há coisas concretas para realizar, responsabilidades reais"¹⁵. Para as pessoas envolvidas no funcionamento diário do SOS, solidariedade é um sentimento de lealdade, de se trabalhar junto em direção a metas comuns. Elas reconhecem que os dilemas pessoais, bem como os políticos, podem encontrar solução através da participação em atividades associativas.

Os diretórios locais do SOS frequentemente são fundados segundo o mesmo tipo de relacionamentos cara a cara que se formaram no diretório nacional. Qualquer grupo pode fundar um comitê local do SOS, e muito pouco controle é exercido pela direção nacional sobre as atividades dos grupos locais. Amigos e vizinhos podem formar uma seção com o objeti-

(14) Notas do autor, SOS Racismo, Diretório Nacional, novembro de 1986. (N.A.)

(15) Entrevista com Olivier Lenhardt, Paris, novembro de 1986. (N.A.)

vo de usar a notoriedade nacional e as extensas ramificações do SOS para promover seus próprios projetos. A comunicação entre as várias seções do SOS é irregular, mas as reuniões regulares do comitê nacional congregam representantes de cada diretório para discutir questões gerais. Ao mesmo tempo, os grupos locais podem manter-se em contato com as atividades uns dos outros através da imprensa ou do boletim informativo do SOS. Entretanto, fora dessas redes de relacionamentos pessoais, que significado a solidariedade tem? Se o SOS Racismo pode alegar que une pessoas de experiências e modelos de referência similares, como pode mostrá-las unidas por mais do que a emoção passageira de uma demonstração ou de um concerto de rock?

Na verdade, o próprio termo "solidariedade" parece reanimar um vocabulário esquerdista costumeiro. Será o SOS Racismo uma justaposição inteligente de objetivos esquerdistas com uma furtiva manipulação de imagens políticas? Harlem diz que o SOS é parte

...Dessa profunda revolução nas mentalidades, que está levando a França a aceitar sua dimensão mista, sua pluralidade. É a diversidade que vai permitir que ela preserve seu lugar no mundo, que siga adiante, para ser um país de peso e onde se possa viver sem se tornar mudo⁶.

Mostra-se uma França republicana e moderna, que possui a mesma mistura de valores velhos e novos que a *persona* pública de Harlem. A criação de uma *persona* é uma intromissão específica do teatro, ou da câmera, numa vida particular. Na TV ou na imprensa vemos Harlem como um jovem negro educado, que fala com clareza e com uma paciência de educador. Ele sempre aborda questões específicas envolvendo o racismo. Em entrevistas, ele também responde a perguntas sobre música ou seu passado, mas a política é sempre discutida numa forma que elimina as categorias francesas de esquerda e direita, para olhar cada questão em seu ponto central. Harlem habilidosamente dirige as questões para um problema preciso, e defende a França e as práticas antes de qualquer sistema divisório. Sua *persona* permitiu-lhe estabelecer uma voz pública via apoliticismo, que não existiria não fosse ele relegar partes de sua "velha" pessoa, como dizem alguns de seus amigos, para áreas fora do olho da câmera.

Essa cuidadosa ênfase na unidade em progresso permite a Harlem criar espaço para um discurso que se refere a valores tradicionalmente associados com a esquerda mas estranhos à dominação burocrática dos partidos. Parece que o tipo de "solidariedade" que Harlem congrega em torno de si e do SOS poderia ser usado em benefício da esquerda, pelo menos dos socialistas, se estes pudessem ousar prometer o mesmo tipo de espaço para os jovens, para a iniciativa e para uma nova cultura que o SOS é capaz de oferecer. A natureza da *persona* de Harlem responde a múltiplas pressões, mas as exigências básicas dos jovens e das minorias, que de-

(16) Harlem Désir, "SOS. La Vie: Isabelle Adjani et Harlem Désir, la Rencontre", *Globe*, n.º 10, outubro de 1986, pp. 72-78. (N.A.)

frontam com o enorme desemprego, com partidos e sindicatos ossificados e com condições de vida frequentemente deprimentes, contêm um elemento radical que apenas se torna de súbito aparente para a geração "mais velha" em seus atos mais vividos, como as demonstrações de dezembro. Mesmo assim, é talvez através da intimidade e do tato que os sentimentos coletivos são formados.

Geração

A imprensa francesa dos últimos anos tende a colocar as questões que se referem aos jovens tanto como um resultado de falhas no sistema econômico ou educacional, quanto como falta de ambição ou de espírito coletivo por parte dos próprios jovens. A "segunda geração", formada por filhos de imigrantes, encontra seus colegas de classe, de pais franceses, nessa categoria de jovens, que o semanário *Nouvel Observateur*¹⁷ chamou de a geração "bof"¹⁸. As greves estudantis de dezembro reasguraram pelo menos o estabelecimento de uma tendência esquerdista da habilidade desses grupos para agir coletivamente. No entanto, descrever suas exigências e aspirações como uma realização dos sonhos de maio de 1968, como fez Laurent Joffrin, é um projeto confuso, que pouco contribui para esclarecer as diferenças entre esses dois movimentos, a não ser por alegar uma vaga natureza prática nas exigências dos jovens de hoje¹⁹. Em que a formação racial ou de classes desses jovens é similar ou diferente daquela dos líderes de maio de 1968? Podem suas próprias reivindicações por ação concreta ser demonstradas na criação de projetos específicos de reformas ou de sugestões bem elaboradas para os verdadeiros problemas de educação, desemprego ou competição numa sociedade capitalista?

Dentro do SOS Racismo, o termo "geração" está ligado a uma esperança de influenciar e a um sentimento de representar esse grupo de gente jovem. Como escreve Julien Dray:

*Nessa história ninguém entendeu nada. Quase ninguém exceto nós percebeu desde os primeiros meses como uma geração progressivamente ganhou consciência. Ética primeiro, política depois. Primeiro sinal, usar o broche. Não uma moda, mas um simples sinal de reconhecimento. Você usa o distintivo, e nós somos iguais. Já está derrotado o individualismo aterrorizador..*²⁰

Dessa maneira, geração, idade são apresentadas como sobrepondo-se a outras considerações de diferença social. A juventude em si mesma é um valor. No SOS os problemas de geração são teorizados como uma frustração que nasce da falta de ajuste entre exigências sociais e respostas institucionais. Se a base de uma geração é "um sentimento compartilhado

(17) *Le Nouvel Observateur*, "Les 13-17 Ans à Coeur Ouverte", n.º 1166, 13-19 de março, 1987, pp. 76-87. (N.A.)

(18) "Bof": palavra formada a partir das iniciais de *beurre* (manteiga), *oeufs* (ovos) e *fromage* (queijo); por extensão, comerciante que enriqueceu no mercado negro, através da venda desses produtos. (N.T.)

(19) Laurent Joffrin, *Un Coup de Jeune: Portrait d'une Génération Morale*, Arlea, Paris, 1987. (N.A.)

(20) Julien Dray, *op. cit.*, p. 202. (N.A.)

das possibilidades de vida e depois um conhecimento compartilhado, bem como uma reflexão, a respeito dos resultados da vida"²¹, então é imperativo considerá-la como uma força unificadora, mas também como um grupo dentro do qual a diversidade de experiências ainda persiste. É o sistema altamente competitivo, desprovido de personalismo, enraizado na eficiência burocrática de exames nas escolas mas auto-afirmado quanto a sua cegueira para questões de cor, classe ou sexo que os jovens rejeitam em favor das ações do SOS Racismo. Por outro lado, é esse mesmo tipo de premissa jacobina por igualdade de tratamento que muitos estudantes evocam ao propor processos de seleção unificados para todos os estudantes, sancionados não por conexões pessoais ou hábitos gentios, mas por critérios objetivos como diplomas ou testes. As contradições dessas expressões são originárias do sistema educacional francês, mas ainda mais do acesso diferente àquele sistema para estudantes de formações variadas. Penso que a questão é que, ao propor a "geração" como o refrão dominante para descrever a análise contemporânea, deixamos passar os verdadeiros problemas de uma sociedade que vê seus recursos como escassos, o desemprego como um mal necessário e que efetivamente tem bloqueado as vias de sucesso para muitos jovens da classe média que antigamente podiam contar com seus diplomas universitários para alcançar uma posição melhor nas hierarquias francesas de economia e educação. Se *há* uma rejeição de jovens hoje, o fato mais interessante é que não se trata principalmente de jovens trabalhadores desempregados, mas sim de jovens da classe média antes sem acesso aos círculos da elite dos negócios ou da sociedade francesa, que são ativos tanto no SOS Racismo quanto na política estudantil. No SOS podemos observar uma implícita tomada de consciência do processo de evolução social. Isso ajuda a evitar os "erros" de abordagem revolucionária, ao evitar ainda mais qualquer abordagem filosófica que ignore as coações concretas de um quadro de curta duração. A idéia de progresso relacionada com a eficiência, a velocidade e a mudança social, que se pode ouvir no SOS, lembra os panfletos futuristas ou as declarações do Young Turc, bem como os discursos franceses que revelam um fascínio pela técnica e pela moda como um meio de distinção social. Os jovens, entendendo os *mass-media*, estão também reputados a saber usar computadores desde muito cedo. A implicação é que, uma vez passada uma certa idade, não há mais como ensinar truques a um cachorro velho. Portanto, mais do que algum "novo" sentido de geração, o SOS representa um profundo fenômeno histórico nas sociedades ocidentais, ou pelo menos é isso que eles nos dizem. Sua pretensão de maturidade não precisa repousar em nenhuma postura herética, pois eles têm a seu favor atitudes históricas profundamente estabelecidas e pontos de vista universais. O visual deles e sua própria juventude sancionam suas ações. A mudança social ligada a uma visão histórica em constante expansão favorece os jovens. Geração não implica um ideal qualquer de comportamento, como a geração de pessoas que rodeavam Maomé em Medina, mas antes as esperanças

Susan Ossman-Dorent é doutoranda em antropologia pela Universidade da Califórnia, Berkeley.

apenas à produção de mercadorias, o SOS Racismo tem pouco a oferecer. Mas se essas lutas disserem respeito a problemas de controle de informação, a categorias que atribuímos a nós mesmos e aos outros, e aos problemas éticos da vida cotidiana, então a mensagem do SOS é compulsiva e deve servir de guia e influência positiva.

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 21, julho de 1988
pp. 85-99
